

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O PINTOR DE VIZELA.

LOPES, Joaquim

Ano: 1949 | Número: 59

Como citar este documento:

LOPES, Joaquim, O Pintor de Vizela. *Revista de Guimarães*, 59 (1-2) Jan.-Jun. 1949, p. 149-158.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O PINTOR VIZELA

Durante o último quartel do século XVIII e a primeira metade da imediata centúria não foi o norte de Portugal por completo escasso em manifestações artísticas.

Como é principalmente à pintura que venho referir-me, considero de toda a justiça lembrar que para seu maior desenvolvimento não faltou aos portuenses o concurso de alguns valores estrangeiros que na invicta cidade se instalaram, nela vivendo como verdadeiros autóctones.

Um deles, o pintor Pillement, ainda que, pelo seu prestígio, algumas vezes chamado a Lisboa a fim de receber a incumbência de honrosas e bem remuneradas tarefas, foi no Porto que mais se fixou, onde muito conviveu e trabalhou e onde chegou a criar excelentes discípulos.

Um dos primeiros e, porventura, aquele que mais se aproximou do Mestre foi Domingos Vieira, pai do grande Vieira Portuense.

Outra notável figura que pouco mais tarde vem dar continuidade e enriquecer o citado ambiente é a do pintor suíço Augusto Roquemont, que tendo-se tornado uma espécie de português adoptivo e fixado residência na capital do Norte, não deixou também de distribuir a sua amizade e a sua arte pela cidade de Guimarães, onde realizou parte de uma obra magnífica. Das várias e demoradas vezes em que familiarmente se instalou na hospitaleira Casa do Arco, da histórica cidade minhota, para realizar alguns dos seus melhores retratos, Roquemont, apaixonando-se pelos característicos costumes das nossas aldeias, imediatamente procura traduzi-los em numerosas telas, que valem tanto pela originalidade que encerram como pela perfeição e graça que o pintor lhes imprimiu.

Este foi, sem dúvida, o Artista plástico que primeiramente, e de nítida maneira, veio ensinar os portugueses a conhecer e a amar aspectos que até ali mais lhes serviam de prazer dos olhos que pròpriamente para serem traduzidos em inspiradas manifestações de beleza.

Na realidade, foi com a vinda de Roquemont que alguns dos nossos artistas começaram a interessar-se pelas típicas romarias minhotas, pelas procissões, pelas festas pascaís, pelos característicos costumes da boa gente do norte, traduzindo-os ora na tela, ora no barro, ou ainda em magníficas páginas literárias. Alguns dos excelentes estudos que o ilustre Pintor em Guimarães realizou guardam-se avaramente em galerias particulares e museus. Mais por colecções individuais do que em pinacotecas do Estado se encontra dispersa a obra de Roquemont, o que não só, de algum modo, dificulta que ela seja estudada em conjunto, mas ainda, na sua maior parte, esse exame se torna quase impossível à maioria dos nossos artistas e estudiosos.

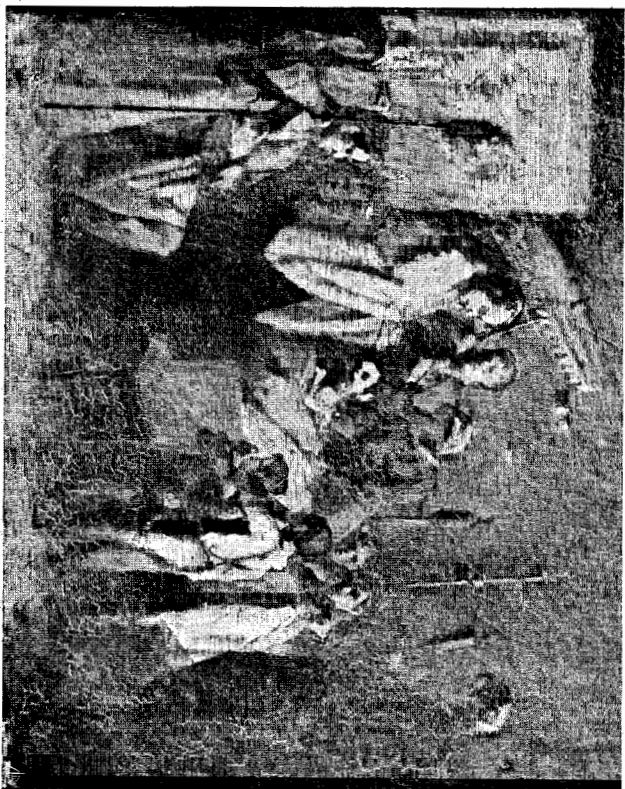
O grupo mais numeroso que consideramos reunido e, portanto, em condições de fácil exposição pertence à Escola de Belas-Artes do Porto. Mas este é principalmente constituído por desenhos académicos, aliás excelentes, e interessantíssimos apontamentos de costumes desenhados a tinta da China, algumas vezes realçados a aguarela. Deve-se a reunião destes estudos aos cuidados e devotado zelo de pretéritas Direcções da Escola que, após o falecimento do Pintor as adquiriram no espólio por ele deixado. Os retratos a óleo e quadros de composição pertencem, na sua quase totalidade, aos herdeiros de antigas casas solarengas (1).

(1) Seria um preito justíssimo, a par de benéfica acção cultural, realizar-se no Porto uma exposição da obra de Augusto Roquemont. Torna-se mister que os artistas e escritores nortenhos, conjugando os seus esforços com o possível auxílio dos municípios portuense e de Guimarães, levem a efeito, em data próxima, condigna homenagem a um estrangeiro ilustre que, tendo fervorosamente vivido para a nossa terra, não pouco contribuiu para o seu engrandecimento artístico.



SAGRADO VIÁTICO

por António Alves Teixeira.



EXTREMA UNÇÃO

por António Alves Teixeira.

A arte, na sua marcha evolutiva, não poucos exemplos nos oferece de aspectos mais ou menos originais, cujas raízes algumas vezes têm de ser procuradas em épocas e regiões distantes. A lição dos Impressionistas — para apenas citar a mais próxima do nosso tempo — é concludente, flagrante. Estes, para de maneira mais estrutural e opulenta resolverem problemas que consideravam inéditos pela expressão e sentimento não hesitaram em recorrer a fontes que, de certo modo, já haviam tocado semelhantes interpretações, embora com menos ruidosa audácia.

Roquemont, nas suas inquietas peregrinações de estudo pelos grandes centros artísticos europeus, onde mais se demorou foi em Itália e França. Na sua larga permanência em Florença, certamente não lhe passaram despercebidos os quadros de Baldassare Franceschini — Volterrano — expostos na Galeria dos Ofícios. Este notável artista — espécie de razão à parte na pintura italiana do século XVII — pode bem ser considerado um dos precursores de modernas expressões estéticas. As finíssimas claridades das suas telas, bem como a singularidade popular dos temas que elegeu dão-lhe absoluto direito a ser colocado entre os iniciadores mais ou menos remotos da chamada pintura naturalista e regionalista que, cerca de dois séculos após, tanto havia de preocupar alguns sectores da arte e da crítica europeia.

Com efeito, se, como disse, a Roquemont possivelmente não foram estranhos os exemplos do mestre Volterrano também não lhe faltaram idênticas sugestões, porventura colhidas na obra original dos irmãos Le Nain, em Chardin e nalguns dos chamados *Petit Maîtres* dos Países-Baixos.

Deste permanente amearhar de emoções e benéfico estudo resultou legítima conquista de perfeição e originalidade para a arte que honestamente serviu. Essa singular acumulação de recursos guardada no espírito do artista esperava certamente o instante da sua mais forte e natural vibração. Ela surgiu espontânea e fácil quando diante do Pintor, em Guimarães e suas redon-

dezas, passaram os primeiros andores duma procissão ou num domingo de Páscoa assistiu à visita do padre acompanhado do juiz da cruz, dos homens da caldeirinha e da cesta das oferendas, do rapaz da campainha que na frente do grupo a faz retinir vibrante e alegremente. Os trajes garridos das mulheres, contrastando com a sobriedade dos negros e acastanhados das fatiotas domingueiras dos homens, estes naquele dia festivo cobertos pelas cores vivas do vermelho e branco puros das opas de boa seda. Todo este pitoresco e alegre ambiente, sob as incidências dum bellissimo sol primaveril ou estival, por certo maior encanto devia emprestar ao tema que pela primeira vez havia surpreendido a sensibilidade do Pintor, ficando desde logo a dominá-lo para sempre.

No Porto teve Roquemont, entre outros, um discípulo que muito se lhe afeiçoou e cujo exemplo artístico, principalmente no respeitante aos motivos populares, procurou compreender e seguir. Refiro-me a Resende que, a despeito dos esforços empregados, não conseguiu ultrapassar o aspecto limitado da exteriorização das coisas.

Um outro se lhe seguiu com menor representação, infinitamente mais humilde, duma encantadora simplicidade, mas possuidor de reais condições para vir a ser um invulgar pintor. O jovem que pretendo colocar em evidência chamava-se António Alves Teixeira, que pouco depois de ter entrado na antiga Academia Portuense de Belas-Artes e não demorar em ser notado por mestres e condiscípulos, recebeu o cognome de *Vizela* por justamente ser esta a terra da sua naturalidade. Dizem os seus raros biógrafos que o moço vizelense viera para o Porto em 1854 iniciar os seus estudos de pintura. Embora aos sete anos de idade (!) tivesse dado mostras de natural e invulgar disposição para as artes, esculpindo em ardósia uma ingénua e delicada figurinha, a verdade é que só aos dezoito deu início aos seus aturados estudos na citada Academia Portuense.

Roquemont faleceu em 1852, por conseguinte dois anos antes de Vizela deixar a sua aldeia para afoitamente se dedicar à pintura. Por certo que a

sensibilidade do Pintor não devia ter sido estranha aos naturais e benéficos impulsos operados pelo ilustre filho do Príncipe de Hesse (!).

Durante os primeiros anos da sua mocidade, vivendo perto de Guimarães, não teria o jovem candidato a pintor alguma vez ouvido falar e até visto algum dos desenhos ou pinturas de Roquemont? O que não sofre dúvida é a nomeada que então devia o mestre suíço ter conquistado em todo o norte do País, e por conseguinte, até certo ponto, ter contribuído para de maneira mais viva despertar em Vizela a tendência para a arte e, sobretudo, para os motivos que apaixonadamente realizou.

O nosso ingénuo e convicto Pintor, levado pela sua original e mais ou menos precoce inspiração, nada mais fez que estudar e viver os assuntos que em seu redor lhe passavam. Eram as mesmas procissões, as festas da quaresma, etc. Somente a estas Vizela juntou aspectos identicamente regionais, mas de uma razão mais triste. Dir-se-ia que a doença que tão rapidamente o vitimou desde longe vinha a toldar-lhe a visão, a encher-lhe a alma de mórbidas penumbras.

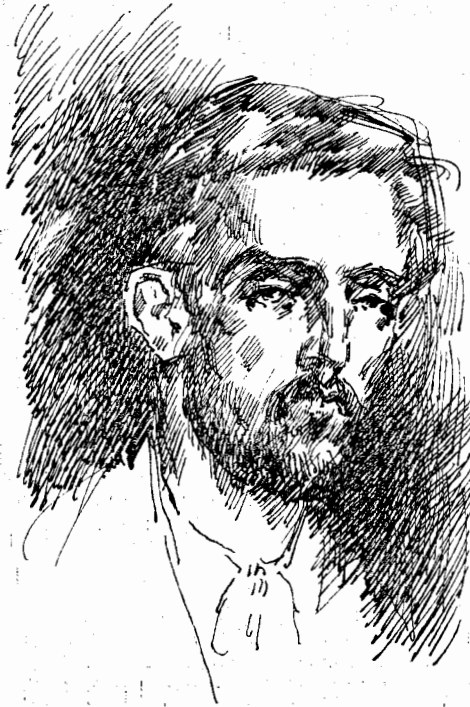
Em nenhuma das suas telas, mesmo naquelas cujos temas partiam de folgedos mais ou menos saudáveis, — se verifica a menor ponta de alegria! E não só no espírito geral da composição, mas ainda na própria tonalidade, onde se não vê uma nota mais vibrante

(!) «Uma vez em Portugal, Augusto Roquemont não permaneceu muito tempo em Lisboa. Em 6 de Outubro (1828) abala para o Porto, e em 24 já se encontra em Guimarães, onde a sua residência é mais longa e donde irradia para Braga e outros pontos. O pintor é hóspede do Visconde da Azenha (Casa do Arco) e aí executa muitos trabalhos de grande valor, sobretudo retratos.

Augusto Roquemont não abandona mais a nossa terra. Em Guimarães e Porto é que mais se demora. Trabalha sempre, infatigavelmente — e vai acumulando obras-primas. As aptidões são múltiplas — como veremos no relato das suas obras — e é maleável e vasta a sua ilustração. Filho natural do príncipe de Hesse-Darmstadt, em certa altura pai e filho separam-se. O príncipe retira-se de Portugal — e Roquemont fica entregue exclusivamente aos seus recursos de mestre pintor de primeira plana, mas numa época em que o desenvolvimento artístico é restrito e sobretudo o gosto por assuntos de arte está ainda limitado e quase embrionário». — (De Júlio Brandão, in «O Pintor Roquemont».)

de amarelo ou garrido vermelho, nem a mancha luminosa e quente de uma discreta nesga de sol. Tudo o artista resolvia em sombras e apagados cinzentos — as cores soturnas do seu triste e sombrio silêncio.

Oriundo de uma região exuberante de vegetação, fértil em culturas e alegre nas suas feiras e romarias,



O Pintor António Alves Teixeira, «Vizela»

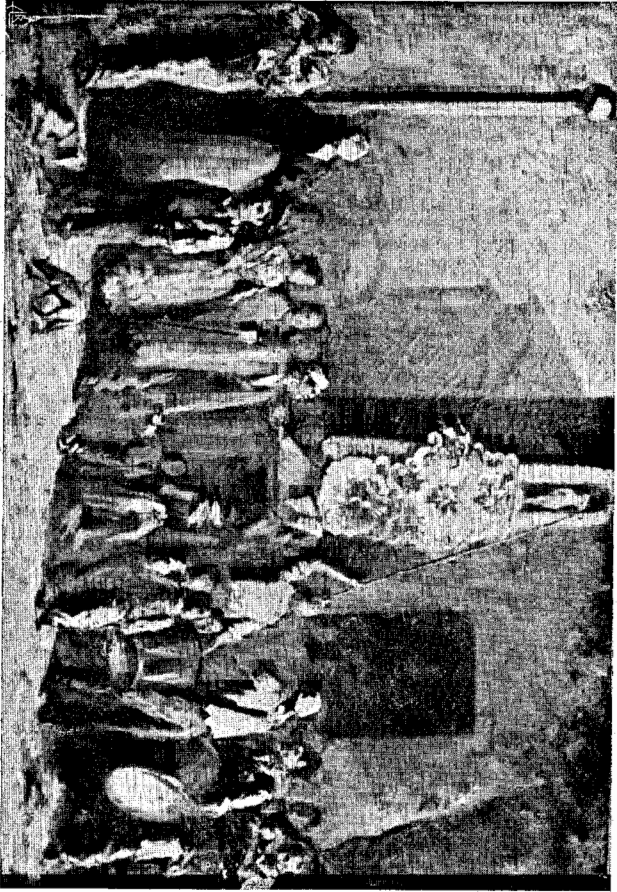
Vizela nascera com a tristeza de outros mundos, de outros caracteres mais doentios e nostálgicos. Por isso a pequenina obra que nos legou pode ser considerada o reflexo vivo da sua própria alma.

Como noutro lugar tive ocasião de referir, o Pintor não era, por certo, um minhoto alegre e folgazão, como em regra se verifica nas gentes daquele



VISITA PASCAL

por António Alves Teteira.



RONDA DO MÁRTIR

por António Alves Teixeira.

recanto da terra nortenha. O seu mórbido temperamento adivinha-se em cada um dos seus quadros. Mesmo os de feição mais alegre, como «A visita do abade pela Páscoa» ou a «Procissão de S. Sebastião», são repassados das mesmas tonalidades de melancólicos abatimentos.

O nome e a resumida obra deste Pintor são quase completamente desconhecidos não só do público, mas ainda dos próprios artistas. Sou em dizer que apenas um ou outro dos antigos alunos da Escola de Belas-Artes do Porto, principalmente os que à pintura se dedicaram, se deteve ante os seus estudos e lhes fixou o nome do autor.

A propósito do nosso desventurado Artista, escreveu Manuel Maria Rodrigues — outro minhoto a quem a crítica de arte não poucos serviços ficou devendo — as palavras que passo a transcrever do último fascículo da excelente revista «Arte Portuguesa», que em 1882, sob a égide do genial Soares dos Reis e Joaquim de Vasconcelos, teve a colaboração dos nossos melhores artistas e escritores:

«António Alves Teixeira, mais conhecido pelo apelido *Vizela*, nascera em 3 de junho de 1836 na freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, sendo filho de Domingos Alves Teixeira, artífice laborioso, e de Maria Pereira. As suas tendências para as belas-artistas manifestaram-se em tenra idade, tendo apenas sete anos quando esculpiu em lousa uma pequena imagem. Apesar de tão felizes disposições, seus pais desejavam que ele fosse para o Brasil, e nesse intento tinham-lhe conseguido passagem em um navio que saía do Porto, quando se lhe deparou aqui um artista, que, adivinhando-lhe a vocação, o levou consigo para Lisboa. Passado tempo, porém, o pequeno artista viu-se obrigado a regressar a casa de seus pais, e estes, convencendo-se afinal de que a melhor carreira que ele podia seguir era a das belas-artistas, obtiveram-lhe agasalho nesta cidade para poder frequentar a Academia, onde se matriculou em 1854, sendo sempre o primeiro do seu curso, apesar da falta de recursos pecuniários o obrigarem a prolongar as férias indefinidamente, a fim de obter os meios de subsistência por meio de trabalhos que fazia de mera curiosidade,

como imagens de madeira, pintura das mesmas, dou-ramentos, etc.».

Mais adiante refere ainda o crítico:

«Concluído o curso de pintura, o artista regressou à terra do seu berço onde casou, sendo assaltado no meio de uma vida quase de penúria, pela doença que o matou e que já se havia pronunciado ainda quando estudante.

Os seus antigos condiscípulos sabendo as priva-ções com que lutava, agravadas pela dolorosa enfer-midade que padecia, promoveram-lhe uma subscrição mensal, aconselhando-o ao mesmo tempo a que viesse ao Porto para consultar os médicos.

Chegado a esta cidade e animado pelas esperanças que lhe dera o facultativo, pintou no dia seguinte o quadro também existente na mesma academia, repre-sentando o enterro de um pobre na aldeia.

Infelizmente os seus sofrimentos recrudesceram, a ponto de ser necessário a sua esposa andar com ele em um carrinho, quase mendigando, até que no dia 2 de Agosto de 1863 a morte pôs termo aos seus dias e às suas desventuras.

Sucumbiu o malogrado artista a uma tísica galo-pante, achando-se sepultado na igreja de S. Miguel do Castelo».

Vizela foi dos primeiros dos nossos artistas a in-teressar-se pelas cenas acentuadamente típicas da vida portuguesa. Um pouco mais tarde, e noutro aspecto, um escultor gaiense — José Joaquim Teixeira Lopes — por natural tendência regionalista, prendendo-se aos característicos e adoráveis conjuntos dos nossos bar-ristas de antigos presépios, deu-se a trabalhar interes-santes figurinhas de costumes populares, principalmente nortenhos que, desaparecido o iniciador, não tiveram continuidade. Esses curiosíssimos *barros* de Teixeira Lopes, pai, cuidadosamente e com certo rigor colo-ridos, já hoje constituem apreciáveis raridades para os nossos coleccionadores de arte (1).

(1) Quão longe estamos desse tempo de puros sentimentos artísticos e honestas realizações! Infelizmente não existe compa-ração possível entre as pequenas figurinhas de costumes populares

E' consolador verificar que algumas daquelas peças, exibindo-se há mais de meio século nas vitrinas dos louceiros da velha rua da Conceição, onde faziam as delícias da minha curiosidade — já hoje, com justificado interesse, se guardam e respeitam como elementos valiosos do folclore artístico português. Quantas vezes interessado horas inteiras me detive ante essas minúsculas e desprezenciosas esculturas onde a simplicidade dos motivos intimamente se ligava à expressiva e rigorosa sinceridade da realização!

A tão apaixonados e inteligentes devotos Portugal ficou devendo a seiva que algumas dezenas de anos após havia de frutificar na obra portuguesíssima de Malhoa.

Na realidade, o Mestre inconfundível de «A volta da romaria», «O barbeiro da aldeia» e «Festejando o S. Martinho» foi quem no nosso tempo mais intimamente sentiu e viveu o aspecto alegre e galhofeiro dos tradicionais hábitos das nossas mais típicas aldeias.

Com efeito, não se adivinha em Roquemont e muito menos na pouco numerosa obra que Vizela nos legou a exuberante alegria que nitidamente se manifesta nas telas primaciais que José Malhoa soube arrancar aos costumes do povo que tanto amou, da gente da sua aldeia de Figueiró, dos Vinhos. Vizela

que Teixeira Lopes, pai, inteligente e carinhosamente modelou e o que hoje para ai se exhibe nos escaparates dos louceiros e bazares mais ou menos pretenciosos. Essas interessantes esculturas há muito deram lugar a infelicíssimas cópias de exemplares de mau gosto que, do estrangeiro nos vêm. E' lamentável, mas não deixa de ser exacto.

Ainda há cerca de oito anos, estando eu em Barcelos, procurei, como era meu antigo desejo, visitar as oficinas dos conhecidos e rústicos oleiros da região. Devo dizer que foi com imenso pesar que verifiquei ter-se perdido a velha tradição dos barristas daquela típica zona minhota. E dei-me a ouvir alguns dos viciados fabricantes das antipáticas peças que, já ignóbilmente pintalgadas com gritantes purpurinas e outras horríveis cores, se alinhavam nos prateleiros da loja. Fiquei desolado com o que ouvi! Os pobres operários, que por completo haviam perdido a graça e ingenuidade outrora de tanto interesse nos bonecos e louças que já seus avós tinham realizado — manifestavam o maior desprezo por esses antigos modelos, exaltando com louco entusiasmo as peças infelizes e de nenhum interesse que, segundo os moldes estrangeiros, lamentável e estropiadamente iam fazendo.

não as atingiu, certamente, nem nos rigores da técnica, na compreensão da forma ou nos conhecimentos da cor e seus mais subtis segredos.

O jovem e enfermo Artista havia apenas dado os primeiros passos na sua auspiciosa carreira, e estes, em vários aspectos, já de certo modo nos asseguravam o valor temperamental de quem tão expressivamente se iniciava. O Pintor mal teve tempo de iniciar uma obra que, pela sua estrutural originalidade, conquistaria invulgar posição no meio artístico português. Mas a morte, sempre pérfida e inexorável, não permitiu que um tão belo temperamento chegasse a completar-se de forma absoluta.

Foi uma luz que se extinguiu ao despontar dum admirável e prometedor alvorecer — e a arte nacional perdeu uma das suas mais nítidas e valiosas esperanças.

JOAQUIM LOPES

Director da Escola de Belas-Artes do Portp.